DESERTO DO SAARA – SAVANAS AFRICANAS – CURIOSIDADES

PLANETA ÁFRICA

COMO ERA O SAARA ANTES DE SE TORNAR O MAIOR DESERTO DO PLANETA

Entenda por que a Etiópia está prestes a entrar em uma guerra civil

Se você acha que tatuagem dói, precisa conhecer a arte na pele dessas tribos africanas

SEGUNDA EDIÇÃO – OUTUBRO DE 2020

SPEAK UP
FOR THOSE WHO CAN'T
SPEAK FOR THEMSELVES!
ANIMAL SAVE PROJECT
We need people like you to help us achieve our goals.
Join us by adopting, donating. Please dial +0997602988016

CARTA AO LEITOR

Caro leitor, essa nova edição do Planeta África dá destaque ao maior deserto quente do mundo, o deserto do Saara, e as savanas africanas. Nesta, aprofundamos nosso conhecimento sobre a cultura africana, os aspectos naturais do continente e os problemas enfrentados por ele.

Nossa principal proposta é expandir o conhecimento das pessoas sobre o continente africano tanto no contexto cultural quanto natural, já que tem grande influência nos outros continentes. Tudo isso é retratado através de diferentes pontos de vista, possibilitando que o leitor forme sua própria opinião do que foi dito.

Além disso, buscamos mostrar principalmente as joias do continente africano, como o deserto do Saara e as savanas africanas. E claro, você terá acesso a curiosidades, jogos, receitas e muito mais sobre esse continente tão fascinante!

Atenciosamente,

Equipe Revista Planeta África

SUMÁRIO

05 Editorial

06 Entrevista – Antônio Kleber Leão Resende

08 Se você acha que tatuagem dói, precisa conhecer a arte na pele dessas tribos africanas

10 Como era o Saara antes de se tornar o maior deserto do planeta?

20 Entenda por que a Etiópia está prestes a entrar em uma guerra civil

23 Cultura Africana

27 Artigo de Opinião

29 Curiosidades

31 Crônica – “Somos todos descolonizados”

33 Charges

34 Receitas

36 Filmes

37 Livros

38 Caça-Palavras

39 África e ONU analisam crise alimentar no continente

41 Cruzadinha

O que a Equipe Planeta África pensa:

A desertificação e suas consequências para a África e para o mundo

A desertificação é o processo de degradação do solo que ocorre nas zonas áridas, semiáridas e sub úmidas secas, resultantes das atividades humanas ou de fatores naturais como as variações climáticas.

Na África, a desertificação é proveniente da ocupação humana com o cultivo da monocultura e trás grandes consequências para todo o continente e para o restante do mundo. Além da escassez de água, alimento e do risco de extinção de animais e espécies de plantas, a desertificação no continente tem altos impactos nas sociedades africanas. Como exemplo podemos citar imigração ilegal principalmente para países europeus, além de conflitos armados por recursos naturais, tráfico de pessoas e drogas, atividades terroristas, crescimento de crimes organizados, crescimento da miséria, proliferação de doenças, gerador do caos na saúde pública, entre outros.

Esse problema vem crescendo de forma rápida: a desertificação na África já atinge mais de 2 bilhões de hectares e isso só tende a piorar. Portanto, é necessário tomar grandes atitudes para controlar esse processo e suas consequências. São necessários, recursos financeiros, aplicação de tecnologias, vontade política, investimento em pesquisa de agricultura climaticamente inteligente e em sementes resistentes à seca, além da adoção de hábitos individuais que podem contribuir para diminuir o dano ao meio ambiente. Porém inconveniente, a maioria dos países africanos sofre sérios problemas financeiros, sendo incapazes de oferecer políticas sociais à sua população.

Contudo, atualmente diversos países e organizações procuram contribuir para buscar a solução ao problema da desertificação e controlar os danos causados por ela no continente africano. Por exemplo, um projeto a ser criado, que une Brasil, França e a Agência Pan-Africana da Grande Muralha Verde e que visa o combate à desertificação de regiões áridas e semiáridas da África. O programa vai integrar pesquisadores dos três países que elaborarão pesquisas para ajudar com o problema no continente africano.

A nós, só nos resta buscar a conscientização dos problemas enfrentados e buscar reconhecimento dessa situação. O dia 17 de junho já foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Dia Mundial de Combate à Desertificação, possibilitando que o mundo possa ter maior consciência do problema.

COLÉGIO SANTO ANTÔNIO

Alunas:

- Ana Clara de Sousa Resende
- Daniela Soares Batista
- Júlia de Pinho Tavares Ferreira
- Luiza Muradas Silva Martins
- Mariana de Dutra Branco

Editora geral: Ana Clara de Sousa Resende

Entrevista: Antônio Kleber Leão Resende

Professores envolvidos:

- Rogério Jardim (Geografia)
- Pedro Delfino (Geografia)
- Rosana Simões (Português)
- André Rossi (Português)

Entrevista

Por Julia de Pinho Tavares Ferreira

Com o objetivo de conhecer melhor algumas cidades da África, procuramos uma pessoa que já visitou o continente para uma breve entrevista.

Nome completo: **Antônio Kleber Leão Resende**
Idade: **51 anos**
Profissão: **Engenheiro Químico**
Nacionalidade: **Brasileiro**

Quais países e cidades você conheceu e qual foi a natureza da sua viagem?

Há alguns anos viajei para a África a trabalho. Primeiro passei alguns meses em diferentes cidades em Moçambique, principalmente Maputo. Depois fui para Johanesburgo, na África do Sul.

A África infelizmente sofre um grande preconceito no mundo, conhecida por abrigar muita miséria e fome. Antes de ir para a África, o que esperava encontrar lá?

Acho que é muito difícil não ser influenciado pelo preconceito, pelos pensamentos e ideias das outras pessoas. Por isso esperava encontrar cidades um pouco menores e mais simples do que estava acostumado. Só não me surpreendi quando cheguei lá, pois havia pesquisado muito sobre os lugares que viveria. Também esperava temperaturas altas e bastante calor, e isso eu encontrei de fato, na maior parte do tempo.

Depois de ter conhecido um pouco da África, qual é a sua opinião sobre esse preconceito sofrido pelo continente?

Acho muito triste que a África seja retratada como um só país, com miséria, fome e conflitos civis. Ela é muito mais que isso. É um continente inteiro, extremamente rico em fauna, flora, riquezas naturais diversas e diferentes culturas e povos. Grande parte dessa cultura ainda influenciou a formação do povo brasileiro, seus costumes e modos de viver. Claro, é importante lembrar da fome, da seca, das guerras e da miséria que matam tantos africanos todos os dias. Essa é a triste realidade de muitos países e cidades, a vida de muitas pessoas. Mas devemos ter em mente que há também aspectos positivos para conhecermos sobre a África.

Apesar de ser conhecida pela fome e miséria, a África é um continente rico em cultura e natureza. O que mais te agradou em sua viagem?

Durante a minha visita à África, posso dizer que fiquei impressionado com a beleza natural de alguns lugares. O continente certamente apresenta praias belíssimas, paisagens exuberantes e uma fauna bem rica.

Quais aspectos da sua viagem não te agradaram?

Em Moçambique encontrei uma maior dificuldade de adaptação. Uma das cidades em que fiquei era bem simples, humilde, de poucos mil habitantes. As ruas eram esburacadas, nem todas eram asfaltadas. O pior de tudo foi fazer as compras do mês. Muitos alimentos, como iogurte, não eram encontrados nos supermercados locais. Por isso eu precisava dirigir umas duas horas até uma cidade próxima, onde os estabelecimentos eram maiores. Acho que isso foi o que mais me incomodou. Em Maputo, a capital, não tive problemas. Em Johanesburgo também me adaptei mais facilmente.

O que mais te surpreendeu nos lugares que conheceu?

Não cheguei a encontrar uma pobreza absurda, apenas algumas cidades bem simples e humildes. Acho que a minha maior surpresa foi positiva, fiquei encantado com a exuberância de paisagens. Visitei também alguns museus e me impressionei com a riqueza da história e cultura africanas.

Durante a sua viagem, você teve a oportunidade de conhecer a África como turista?

Bom, o motivo da viagem era o trabalho, mas eu passei alguns meses na África, então tive sim algum tempo livre. Conheci alguns pontos turísticos, como o Museu do Apartheid e o Mandela House Museum em Johanesburgo. Em Maputo, em Moçambique, onde fiquei por um tempo, visitei a Catedral de Maputo e o Jardim Botânico Tunduru.

Como alguém que viveu e trabalhou em lugares bem diferentes na África, você acha que os turistas conhecem verdadeiramente o continente?

Acho que depende muito do lugar que o turista conheceu. A África apresenta lugares mais ricos, resorts de luxo com safaris, e outros mais pobres e simples. Então acho difícil viver a experiência completa somente através do turismo.

Você gostaria de visitar a África novamente? Se sim, para onde desejaria ir?

Seria um prazer, é claro, viajar para a África novamente, dessa vez como turista. Há muito o que ver e explorar. Eu sempre tive interesse em conhecer as pirâmides do Egito, o Deserto do Saara e fazer um safari. As savanas e os animais africanos sempre chamaram muito a minha atenção, desde criança. Então acho que esses seriam meus destinos principais.

Por fim, qual é a sua opinião sobre a África em geral, agora que conheceu uma parte do continente?

A África é um continente muito conhecido pela fome e miséria. A população sofre com secas, escassez de alimentos e guerras civis. Apesar disso, é um continente extremamente rico em diferentes povos e etnias, cada um com cultura própria. Apresenta também muita riqueza natural, com fauna e flora exuberantes e belas paisagens que vão desde desertos e savanas até praias. Eu diria que a África pode até ser, em geral, um continente economicamente pobre, mas é culturalmente e naturalmente riquíssimo. Além disso, abriga muitos pontos turísticos mundialmente famosos. Apresenta, definitivamente, lugares que valem a pena conhecer.

Mandela House Museum em Johanesburgo

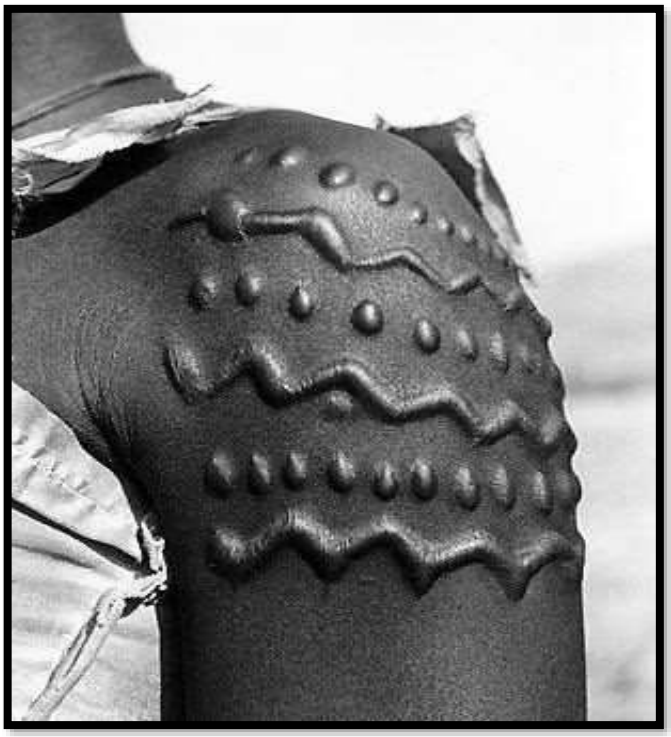
Catedral de Maputo

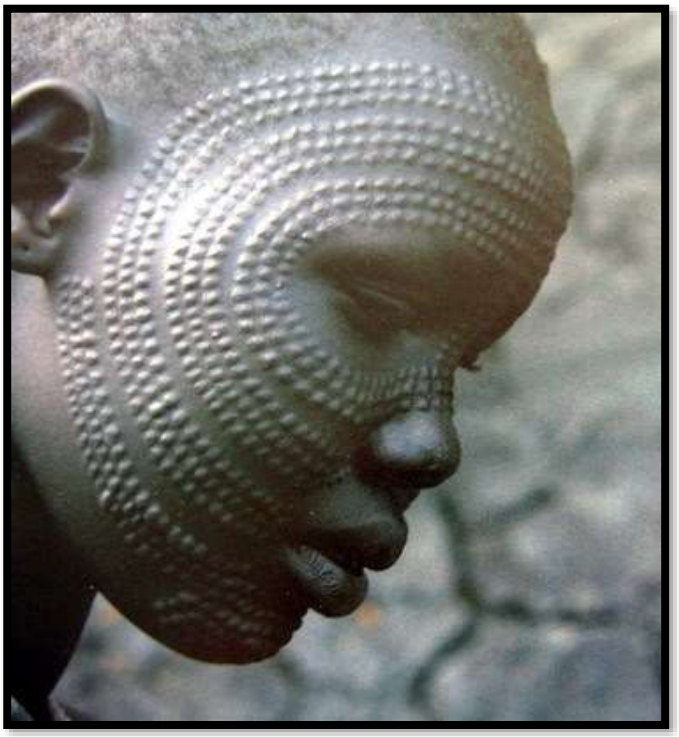
SE VOCÊ ACHA QUE TATUAGEM DÓI, PRECISA CONHECER A ARTE NA PELE DESSAS TRIBOS AFRICANAS

Texto por Redação Hypeness adaptado por Daniela Soares Batista

A técnica da escarificação, marcas feitas na pele através da navalha, são parte da cultura de algumas tribos africanas como Bodi, Mursi e Surma, que vivem na Etiópia, além de Karamojong, no Uganda, e Nuer, no Sudão do Sul. Testas marcadas, por exemplo, são consideradas uma parte fundamental no processo de transição de menino para homem, enquanto algumas cicatrizes representam um sinal de pertença a determinadas tribos.

Essas marcas impressionantes de cicatriz formam agora a incrível série de fotografias do fotógrafo francês Eric Lafforgue, que viajou pelo continente africano observando as cerimônias de corte e conhecendo os locais. Durante uma visita à tribo Surma, que vive no remoto Vale do Omo, ele assistiu a uma cerimônia de escarificação, que envolveu a criação de símbolos, onde foram usados apenas espinhos e uma navalha.





Em reportagem ao Daily Mail, Lafforgue disse que uma garota de 12 anos não mostrou nenhum sinal de dor durante os 10 minutos de escarificação, permanecendo em silêncio. Após o término, a menina confessou que estava à beira de um colapso, mas que as marcas são um sinal de beleza dentro da tribo, embora mulheres não sejam obrigadas a participar.

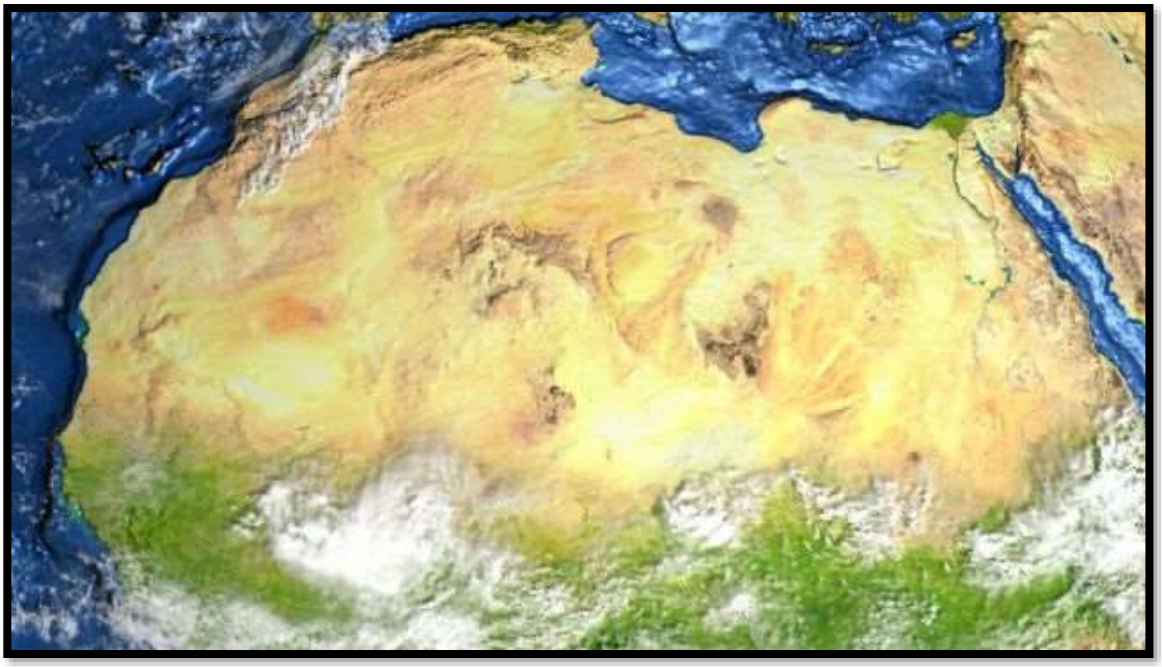
A prática tem se tornado arriscada, pois ao utilizar a mesma navalha em diversos membros da tribo, surge um problema: a hepatite. Além disso, a AIDS também faz parte dos riscos a que essas tribos estão expostas.

Porém, Lafforgue explicou que a arte tribal está desaparecendo aos poucos. “Em parte, por causa de uma melhor educação e aumento do número de pessoas que se voltaram para o cristianismo, mas também porque é um sinal muito visível de pertencimento tribal em uma área que tem sofrido muitas disputas”, explicou ele ao tablóide.

https://www.hypeness.com.br/2014/03/as-impressionantes-marcas-e-cicatrizes-que-tribos-africanas-fazem-na-pele/

Como era o Saara antes de se tornar o maior deserto do planeta?

Texto de William Márquez da BBC Mundo adaptado por Ana Clara de Sousa Resende



O deserto do Saara hoje em dia. A cor creme clara reflete os raios de luz, o que afeta a frequência das chuvas de monções, essenciais para a vegetação

O que hoje é o árido, quente e inóspito deserto do Saara, no norte da África, era uma região de savanas e pradarias com alguns bosques, lar de caçadores e coletores que viviam de vários animais e plantas, sustentados por lagos permanentes e muita chuva.

Era assim numa época entre 5 mil e 10 mil anos atrás - período conhecido como do "Saara verde" ou "Saara úmido".

É difícil imaginar que o maior deserto quente do mundo, que tem uma precipitação anual entre 35 e 100 milímetros de chuva, recebia chuvas 20 vezes mais intensas há alguns milhares de anos.

Os ventos das monções sazonais traziam intensas chuvas que mantinham a terra fértil.

Existem diferentes estudos que reconstituem o clima e a vegetação do Saara nos últimos 10 mil anos.

Um dos mais recentes, publicado em conjunto por pesquisadores da Universidade de Estocolmo, na Suécia, e das universidades de Columbia e do Arizona, nos Estados

Unidos, analisou a sedimentação marinha no norte da África em busca de um padrão de chuvas.

O Sahel

"A precipitação anual no Saara Ocidental pode ter sido até 2 mil milímetros maior do que é hoje em dia, com vegetação parecida com a da atual região sul do Senegal", disse Francesco Pausata, climatologista da Universidade de Estocolmo e coautor do estudo.

O Senegal, na costa oeste da África, faz parte do Sahel, uma faixa de 500 a 700 km de largura, em média, e 5,4 mil km de extensão, protegida por um cinturão verde de flora altamente diversificada, que a protege dos ventos do Saara.

É uma zona de transição entre o deserto do Saara no norte e a savana sudanesa no sul, que se estende do oceano Atlântico até o mar Vermelho.

O Sahel atravessa a Gâmbia, o Senegal, a parte sul da Mauritânia, o centro do Mali, Burkina Faso, a parte sul da Argélia e do Níger, a parte norte da Nigéria e de Camarões, a parte central do Chade, o sul do Sudão, o norte do Sudão do Sul, a Eritreia, a Etiópia, o Djibuti e a Somália.

O Sahel é uma zona de transição, que atravessa 16 países da África, entre o deserto do Saara e a savana sudanesa

"Acredito que os animais que hoje em dia pastam no Sahel, como os gnus e as gazelas, possam ter vivido até no extremo norte do Saara Ocidental", disse Pausata.

"A parte oriental podia ser um pouco mais seca, mas com pastagens acima da região do paralelo 25 Norte (no norte da Mauritânia)."

Outros pesquisadores, porém, mencionam uma vegetação mais frondosa, com árvores e lagos onde viviam grandes animais.

"A evidência fóssil e de pólen é bastante clara", diz David McGee, professor do departamento de Ciências Atmosféricas, Planetárias e da Terra do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos.

O Saara verde

McGee compara essa vegetação do Saara verde com a do chamado ecossistema Serengeti (ou Serengueti), no norte da Tanzânia e sudoeste do Quênia.

O Serengeti abriga a maior migração animal de mamíferos do mundo. Na língua do povo massai, a palavra Serengit significa "planícies intermináveis".

O Serengueti: teria sido assim o Saara há cinco mil anos?

"Havia no Saara corpos hídricos permanentes, savanas, pradarias e até alguns bosques", disse à BBC Mundo, o serviço em espanhol da BBC, o professor McGee, especialista em paleoclimatologia.

"Foram encontrados fósseis de grandes animais que hoje já não são vistos vivos no Saara. Crocodilos, elefantes e hipopótamos."

Assentamentos humanos antigos também deixaram evidências da existência de uma grande fauna, observou McGee.

"Vemos a arte rupestre representando girafas no meio do Saara. Ali também encontramos antigos anzois, o que sugere um estilo de vida profundamente diferente de como se viveria atualmente nesta parte do deserto."

A arte rupestre, como esta de Wadi Tashwenat, na Líbia, é prova da existência de grandes mamíferos no chamado 'Saara verde', dizem os pesquisadores

Nos poucos e muito isolados corpos hídricos que ainda existem, há peixes das mesmas espécies, que não tiveram qualquer forma moderna de contato.

"Isso sugere que, no passado, existiam vias aquáticas que se comunicavam", acrescentou.

Embora seja muito difícil determinar a extensão dessa vegetação, o paleoclimatologista do MIT estima que o cenário descrito tenha se estendido muito ao norte do Saara, onde hoje estão as regiões centrais da Líbia, da Argélia e do Egito.

Sol mais próximo da Terra

Este clima - favorável à existência de uma flora fértil e fauna e o desenvolvimento humano - foi desencadeado pela maior proximidade do Sol em relação à Terra

durante o verão, o que produziu mudanças de insolação, indicou Francesco Pausata, da Universidade de Estocolmo.

"O Saara se tornou verde quando saímos do período glacial. O Sol do verão se tornou mais forte há uns 9 mil anos e isso trouxe uma série de consequências", explicou Pausata.

"Quando o Saara esquentou, as chuvas de monções se tornaram mais fortes, o que levou a uma vegetação maior que, por sua vez, reduziu as emissões de poeira e diminuiu o reflexo da luz, promovendo mais precipitações."

Este reflexo de luz solar, seja da superfície terrestre ou da poeira que flutua na atmosfera, é conhecido como albedo e é um dos fatores mais importantes na aridez de uma região.

Esse intenso albedo - a luz de cor creme clara refletida na superfície do deserto e também com alto teor de partículas minerais - contribuiu para a desertificação do Saara.

Os cientistas encontraram espécies de peixes idênticas em lagos isolados, que aparentemente não tiveram qualquer forma de contato

Teorias

Quais foram os fatores e como ocorreu a dramática transformação dessa região no vasto e empoeirado deserto que conhecemos têm sido objeto de debate da comunidade científica.

Muitos cientistas concordam que a mudança ocorreu há 5 mil anos, como fruto de um fenômeno cíclico de maior ou menos insolação.

É algo que ocorre mais ou menos a um intervalo de 20 mil anos, segundo mudanças na órbita da Terra. Mas, em quanto tempo o Saara se tornou árido está sendo investigado, diz Pausata.

Uma das teorias sustenta que o Saara passou de verde a deserto subitamente, em um par de séculos, numa das mudanças climáticas mais dramáticas da Terra.

Outra pesquisa, publicada em maio de 2008, estima que a região tenha se tornado o deserto mais quente do mundo há apenas 2,7 mil anos e que a mudança foi muito mais lenta.

Os autores desse estudo - uma equipe internacional liderada por Stefan Kröpelin, da Universidade de Colônia, na Alemanha - colheram amostras de sedimento do lago Yoa, no norte do Chade.

As mudanças periódicas afetam a temporada das chuvas de monções

Com os dados analisados, eles construíram uma história geológica que sugere um processo gradual de desertificação que "continua até o dia de hoje".

Esta pesquisa data o deserto em 2,7 mil anos, mas estima que os seres humanos tenham abandonado as áreas que estavam se tornando desérticas muito antes, à medida em que o clima mudava.

Por sua vez, o estudo do qual participou. Pausata, analisou as precipitações passadas e concluiu que seres humanos caçadores e coletores povoaram o Saara verde e o abandonaram há uns 8 mil anos, devido a um período de seca que durou mil anos.

Depois disso, as populações retornaram, mas suas práticas de sobrevivência eram outras, já que a maioria delas criava gado.

Efeito humano?

A pesquisa mais recente, de março de 2017, contempla a ideia de que os seres humanos desempenharam um papel ativo na criação das condições áridas que existem hoje no Saara.

Segundo o estudo publicado pelo arqueólogo David Wright, da Universidade Nacional de Seul, existem evidências arqueológicas que documentam que a primeira aparição do pastoreio no Saara teve efeitos severos sobre a ecologia da região.

À medida em que a vegetação era retirada e substituída para acomodar o gado e os rebanhos, o albedo aumentou e esse efeito influiu nas condições atmosféricas de modo a reduzir a frequência das chuvas de monções.

A retirada da vegetação para acomodar o pastoreio afetou a ecologia e reduziu a frequência de chuvas na região

Mas Pausata diz acreditar que esses exemplos não estejam muito bem fundamentados.

"Embora exista um consenso de que o crescimento intenso do rebanho de gado que pasta possa ser prejudicial à variedade de plantas, o pasto leve e moderado pode ter resultados positivos", afirma Pausata.

"É certo que no Saara e no Sahel não houve animais domésticos de pastoreio num período anterior a 8 mil anos, mas havia gnus e outros animais" ,diz o climatologista. Esses animais pastavam e também defecavam ali. Assim, deixavam a área fertilizada para a sua recuperação quando as chuvas chegassem.

"Não vemos como a introdução de uma população tradicional de pastores, há uns 6 mil anos, que tem um deslocamento similar à migração dos gnus, possa ser diferente. Eles também sustentariam a vegetação", afirmou.

Verde outra vez

Por outro lado, McGee reconhece que os humanos possam ter tido alguma influência na desertificação, mas não era só isso o que estava acontecendo.

"Definitivamente não. Os outros fatores (como mudanças cíclicas, de acordo com a aproximação da Terra do Sol) já estavam ocorrendo de maneira natural."

O período do Saara verde não ocorreu apenas entre 5 mil e 10 mil anos, mas também há 125 mil anos, Naquele período, não houve interferência humana, mas a transição de úmido para árido.

E, se o fenômeno é cíclico, seria possível supor que o Saara voltará a ser verde outra vez, embora a atividade humana do mundo moderno tenha que ser levada em conta, afirma Pausata.

"Daqui a milhares de anos o ciclo se repetirá. O problema agora são as forças antropogênicas. A influência humana será mais um efeito, fora da variação natural, que poderá mudar o equilíbrio no futuro do planeta, não apenas no Saara", concluiu.

Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/geral-39374825

Entenda por que a Etiópia está prestes a entrar em uma guerra civil

Texto de Bárbara Ligero adaptado por Júlia de Pinho Tavares Ferreira

Enquanto o mundo se voltava para a cobertura das eleições norte-americanas, os etíopes iniciaram um grave conflito armado na região de Tigray, no norte do país

Abiy Ahmed, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2019, está por trás da origem dos conflitos armados em Tigray

Quase exatamente um ano depois de receber o Prêmio Nobel da Paz, o primeiro-ministro da Etiópia, Abiy Ahmed, ordenou um ataque a Tigray que pode dar início a uma guerra civil no país. Colocado no poder em 2019, Ahmed foi premiado por estabelecer a paz com a vizinha Eritreia após dois anos de guerra, além de ter implementado mudanças significativas no seu primeiro ano de governo.

Entre elas está o fim de medidas repressivas, que eram comuns no governo etíope até então. O descontentamento com o governante só começou em 2020, depois que as eleições previstas para acontecer em agosto foram adiadas por tempo indeterminado sob a alegação de elas representariam um risco para o aumento de casos de Corona vírus.

A votação serviria para eleger um novo parlamento que, por sua vez, apontaria um novo primeiro-ministro. Entre os partidos que desaprovam a decisão está a Frente de Libertação do Povo Tigré, grupo étnico que compõe a maior parte da população do país e dá nome à região de Tigray ao norte.

Descontentes com a prolongação do mandato de Abiy Ahmed, autoridades locais decidiram realizar as suas próprias eleições em setembro, que tiveram a participação de mais de dois milhões de pessoas. O governo federal não reconheceu a votação como legítima e, em retaliação, reteve os financiamentos do partido opositor.

A tensão entre as partes aumentou até que, na segunda-feira, 2, o principal líder local, Debretsion Fremeichael, alertou que um conflito sangrento poderia ter início.

Nesta quarta, quando a mídia internacional acompanhava a apuração das eleições nos Estados Unidos, o primeiro-ministro cortou as comunicações da região e afirmou que os tigrés tinham atacado uma base militar, motivo pelo qual ele teria enviado tropas de todo o país para atacar o local.

Tigray, por sua vez, afirma que essas acusações são falsas e que foi o governo federal quem começou a briga, mas que os tigrés estavam prontos para se tornarem mártires. Por ficar muito próxima da Eritreia, a região tem experiência em conflitos e conta com cerca de 250 mil soldados, conforme estima o International Crisis Group.

Além disso, a Etiópia é considerada uma das nações mais bem armadas da África. Nesta sexta, a situação se agravou com o anúncio de que Abiy Ahmed havia ordenado ataques aéreos. Apesar dos números ainda serem incertos por causa da falta de comunicação com Tigray, mortes foram reportadas dos dois lados do campo de batalha.

Como a Frente de Libertação do Povo Tigré afirmou que não tem interesse em negociar com o governo, a principal preocupação no momento é que o conflito se espalhe pelo país, visto que outras regiões tem pedido por mais autonomia nos últimos tempos.

Casa de 80 grupos étnicos diferentes e a segunda maior população do continente, a Etiópia também tem visto a violência entre grupos crescer, o que levou o governo a

restaurar algumas medidas repressivas que Abiy Ahmed foi premiado por ter deixado de lado.

Assim como muitos outros países da África, a Etiópia possui uma democracia frágil e recente. Ainda que se diferencie dos demais por ter sido continuadamente independente ao longo do tempo, sua democracia só se consolidou mesmo em 1995.

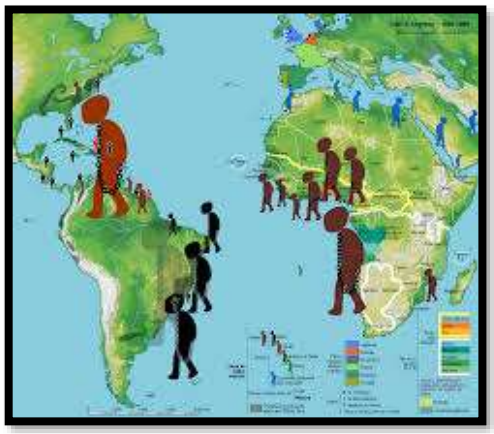
Além disso, o país ainda sofre com a fome, apesar de ter 90% do PIB composto pela agricultura e ser uma das economias que mais crescem em todo continente, segundo o Fundo Monetário Internacional.

O país superou a crise dos anos 1980 que levou milhões à morte, mas metade da sua população ainda tem subnutrição crônica. Uma guerra civil etíope também pode reverberar pelo continente, visto que o país é sede de várias organizações internacionais voltadas para a África, como é o caso da União Africana e da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África.

Fonte: *https://jovempan.com.br/noticias/mundo/entenda-porque-a-etiopia-esta-prestes-a-entrar-em-uma-querra-civil.html*

Cultura Africana

A cultura africana chegou ao Brasil com os povos escravizados trazidos durante o tráfico negreiro transatlântico. Os escravos pertenciam a diversas etnias, falavam idiomas diferentes e trouxeram tradições distintas.



Os africanos contribuíram para a cultura brasileira em muitos aspectos, como a dança, a música, a religião, a culinária e o idioma. Essa influência pode ser notada em grande parte do país, principalmente em certos estados como Bahia, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Na música, a cultura africana contribuiu com os ritmos que são a base de boa parte da música popular brasileira. Os batuques, que na África eram usados em cerimônias religiosas e festas, deram origem a diversas danças brasileiras. O samba, afoxé, maracatu, congada e o lundu são exemplos dessa influência que permanecem até os dias atuais.

Dança e Música

Na música, a cultura africana contribuiu com os ritmos que são a base de boa parte da música popular brasileira. Os batuques, que na África eram usados em cerimônias religiosas e festas, deram origem a diversas danças brasileiras. O samba, afoxé, maracatu, congada e o lundu são exemplos dessa influência que permanecem até os dias atuais. A capoeira é uma das expressões da cultura afro-brasileira que merece destaque, unindo artes como ginga, dança e música. Instrumentos como o tambor, atabaque, cuíca, alguns tipos de flauta, marimba e o berimbau também são heranças africanas que constituem parte da cultura do Brasil.

Festas

Muitas festividades brasileiras são originárias de tradições africanas. Entre elas, a mais famosa é o Carnaval, com forte presença do frevo e do samba. Pode-se mencionar também o Maracatu de Pernambuco, o Bumba-meu-boi, A festa de Iemanjá e a Folia de Reis, em Minas Gerais.

Religião

No aspecto religioso, os escravos africanos buscaram sempre manter suas tradições. Entretanto, ao chegarem no Brasil, foram obrigados a aderir aos costumes europeus. Aprendiam o português, eram batizados com nomes portugueses e obrigados a se converter ao catolicismo. Assim, passaram a associar os orixás que cultuavam aos santos católicos, processo chamado de sincretismo religioso. São exemplos de participação religiosa africana o candomblé, a umbanda, a quimbanda e o catimbó.

Algumas divindades religiosas africanas relacionadas à natureza ou a fatos do dia a dia também foram associadas a personagens do catolicismo. Por exemplo, Iemanjá, que para alguns grupos étnicos africanos é a deusa das águas, no Brasil foi representada por Nossa Senhora. Xangô, o senhor dos raios e tempestades, foi representado por São Jerônimo.

Culinária

A influência africana na cultura brasileira também é evidente na culinária. As escravas eram responsáveis pelo trabalho na cozinha dos engenhos, fazendas e casas-grandes, permitindo a introdução de receitas e temperos africanos na alimentação brasileira. São exemplos o vatapá, acarajé, pamonha, mugunzá, caruru, quiabo e chuchu. Além disso, a feijoada também foi um prato criado pelos africanos escravizados. O preparo era feito com feijão preto e sobra das carnes dispensadas pelos senhores.

Feijoada

Acarajé

Vatapá

Língua

Finalmente, outro aspecto da cultura brasileira que sofreu influência africana é a língua. Assim como os indígenas, os africanos introduziram no Brasil palavras de seus próprios dialetos. Essas palavras estão relacionadas à religião, danças, músicas, jogos, culinária, flora, fauna, entre outros. Alguns exemplos são: orixá, macumba, berimbau, samba, acarajé, bobó, farofa, fubá, camundongo, marimbondo, caçula, cafuné, capanga, cochilar, moleque, muvuca, quilombo, quitanda, senzala, banguela, batuque, cachaça, cachimbo, canjica, miçanga, quitute, zumbi.

As queimadas nas Savanas Africanas

Por Luiza Muradas

Atualmente, as queimadas nas Savanas Africanas vêm aumentando cada vez mais e, consequentemente, trazendo mais problemas ambientais. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), com o auxílio de sistemas da Agência Espacial Norte-Americana (Nasa), apontam que as Savanas Africanas foram um dos três biomas mais afetados pelas queimadas em 2019. Mas por que tantas queimadas? E quais suas consequências?

De acordo com um estudo desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Edimburgo, na Escócia, as árvores da savana africana fornecem cerca de 80% da energia usada na região. Essa prática, porém, muitas vezes não é controlada, o que leva a uma retirada excessiva de recursos da natureza. Além disso, por ser uma vegetação que se desenvolve em regiões de climas mais secos, as queimadas são consideradas "comuns" neste bioma.

Esse grande número de queimadas, além de ameaçar leões que vivem na região, está emitindo pelo menos três vezes mais dióxido de carbono (CO2) do que os cientistas estimavam anteriormente, sendo os humanos os principais responsáveis.

Esse aumento de CO2 na atmosfera traz problemas não só para as Savanas, mas também para o mundo inteiro. Entre eles, podemos citar o desequilíbrio do clima e aumento das temperaturas.

Segundo pesquisadores da revista Nature Communications, "se mais terra for protegida ou usada de maneira sustentável, as florestas podem se recuperar com relativa rapidez". Portanto, devemos criar novos projetos ambientais e fazer doações aos já existentes para que, assim, possamos proteger as Savanas e, consequentemente, também o nosso planeta.

As queimadas pelo mundo, de janeiro a agosto
Focos ativos detectados pelo satélite Aqua no mês de agosto, por país
2018
2019
167028
213618
182248
191013
52926
90500
38467
46817
38612
45352
Angola
República Democrática do Congo
Brasil
Zâmbia
Guiné
Fonte: Inpe/Nasa
G1
Infográfico elaborado em: 04/09/2019

DESERTO GIGANTESCO, CLIMAS EXTREMAMENTE QUENTES... CONHEÇA UM POUCO MAIS SOBRE A ÁFRICA

Por Daniela Soares Batista

Apesar de ser um continente que enfrenta muitas dificuldades quando se trata de sua situação econômica e social, a África é um destino escolhido por muitos viajantes que querem conhecer sua cultura e descobrir todas as possibilidades que o território africano possui.

Além do clima extremamente quente, o Deserto do Saara ocupa um terço de todo continente africano

1. Uma população enorme

O continente africano é o segundo mais populoso, perdendo apenas para a Ásia. São mais de 1 bilhão de pessoas morando na África, o terceiro maior continente do mundo.

2. Terra dos animais

O maior animal do mundo vive na África! Por causa do clima, do solo e das

vegetações, o continente africano é a casa perfeita para os elefantes, fornecendo todos os itens necessários para a sua sobrevivência. E não é só ele que mora por lá não! A girafa, o animal mais alto do mundo, também pode ser encontrada em grandes populações pelas terras africanas.

3. Pertinho da Europa
A distância entre o continente africano e o europeu é de apenas 14 quilômetros! Quem diria que dois continentes tão diferentes em questões econômicas, sociais e políticas poderiam ser vizinhos tão próximos.

4. Surfando na internet
Se você acha que os africanos não sabem nada de internet, você está errado! Seu número de navegantes da internet chega a mais de 67 milhões de pessoas. Quando se trata de redes sociais, o numero é maior ainda, podendo chegar em até mais de 100 milhões de usuários.

5. Idioma francês
O francês é o idioma mais falado no continente. São tantos africanos que falam a língua, que a África possui um índice de fala francês maior que o da própria França. Isso acontece porque o território africano foi colonizado pelos franceses.

6. Um deserto bem grande
O Deserto do Saara é um dos maiores do mundo! Localizado no norte do continente, o deserto ocupa mais de um terço do território africano, e é conhecido por possuir um dos climas mais quentes da Terra.

7. Estilo de vida rudimentar
Alguns povos encontrados na África vivem de forma rudimentar, semelhante aos antigos homens da caverna. Pescar e caçar o próprio alimento, fazer fogo com pedras e gravetos, entre outras, são atividades comuns nas culturas desses povoados.

Fonte: https://blog.multiseguroviagem.com.br/seguros-por-destino/7-curiosidades-sobre-a-africa/

“Somos todos descolonizados”

Texto de Leonardo Lupi de “Por dentro da África”, adaptado por Daniela Soares Bastista

Somos filhos das batalhas argelinas. Do apocalíptico deserto. Da poeira consagrada e sacramentada.

Somos do tempo da guerra. Vemos sangue; lagrimamos. Tudo é rotineiro em nossa vida de espectador. Somos teleguiados; somos plateia neste mundo que é uma grande tragédia grega.

E o palco agora é Argel. A cidade cor de madeira – situada em um ponto africano, flutuante das elites do mundo.

Mas há elites. Há os pied-noirs, há os burgueses, os privilegiados. E há a luta de classes. Sempre há. Não há pedacinho de mundo que não possua confronto ou atrito.

Franceses e argelinos atritavam-se. Foi sangue jorrado para todos os cantos; fez-se arte de matizes vermelhos no branco deserto de Argel.

O cinema foi em busca das memórias, eternizando a batalha em fina película. As marcas, também, ainda ressoam no interior das vítimas – são cicatrizes que perpassam gerações, tornam-se heranças de família e, de quando em vez, voltam a sangrar.

Imagem: Baptiste Debret

Foi dura a luta por toda a África. Naquele chão em que, outrora, os imperialistas fincaram a bandeira da opressão e perversidade, vivia-se agora uma grandiosa luta por independência.

Liberdade – esta palavra rara. Talvez toda a história da humanidade possa ser resumida em uma única frase: “a eterna busca dos homens por sua liberdade”.

Nacionalismos inspiram a raça humana. Inflam corações vazios, motivam guerras, abarcam as mais diversas diversidades.

O lutar por horizontes também pode ser um perigo. Vive-se o temor do risco, a desgraça da dúvida. Às vezes, porém, é necessário que se ande em direção ao obscuro, principalmente se o conhecido é sombrio e tenebroso.

Congo, Angola, Moçambique, tantos. O Congo que virou Zaire; Angola que já fora de Njinga e agora era palco de guerra civil. É possível liberdade em um solo infestado de minas e mutilados? É possível amar a pátria sendo privado até de alimento?

Salve o povo de Angola. Somos irmãos; filhos de Zumbi, compadres de Martinho. Somos resistência.

A duras penas, vencemos o escravismo, conquistamos a liberdade. Hoje somos povos integrados, embora separados por um oceano e por algumas cruéis desigualdades.

Salve a nossa língua, nosso verdadeiro elo. Salve a "lua de Luanda", aquela que iluminou conflitos entre a MPLA e a UNITA.

É possível extrair poesia de grupos políticos?

Toda a África é uma grande literatura. Sofrida, controversa, páginas e páginas de uma epopeia. A Europa, clássica, achava possuir o direito de subjugar África. Mal sabia que o continente negro era anterior a ela – na grande verdade, o "continente-mãe", pai de todos os outros.

Eis aqui um tema literário: o filho perverso dominando a mãe.

Porém, como toda página pode ser facilmente virada, veio à tona outro conflito, o "movimento do contrário". É a mãe descobrindo as atrocidades do filho, tentando fugir, penosamente, das garras de sua dominação.

E raiou a liberdade no Triângulo Sagrado. Veio à Terra a justiça em tantas nações africanas, ainda que pouco tenha durado o tempo de degustá-la.

Sobrepôs-se à independência um amontoado de guerras civis, ditaduras sangrentas e mortes. Mataram-se tantos por tão pouco – morreu-se tanto de fome, de doenças, de exploração. Morre-se ainda – é quase que um obituário o noticiário diário africano.

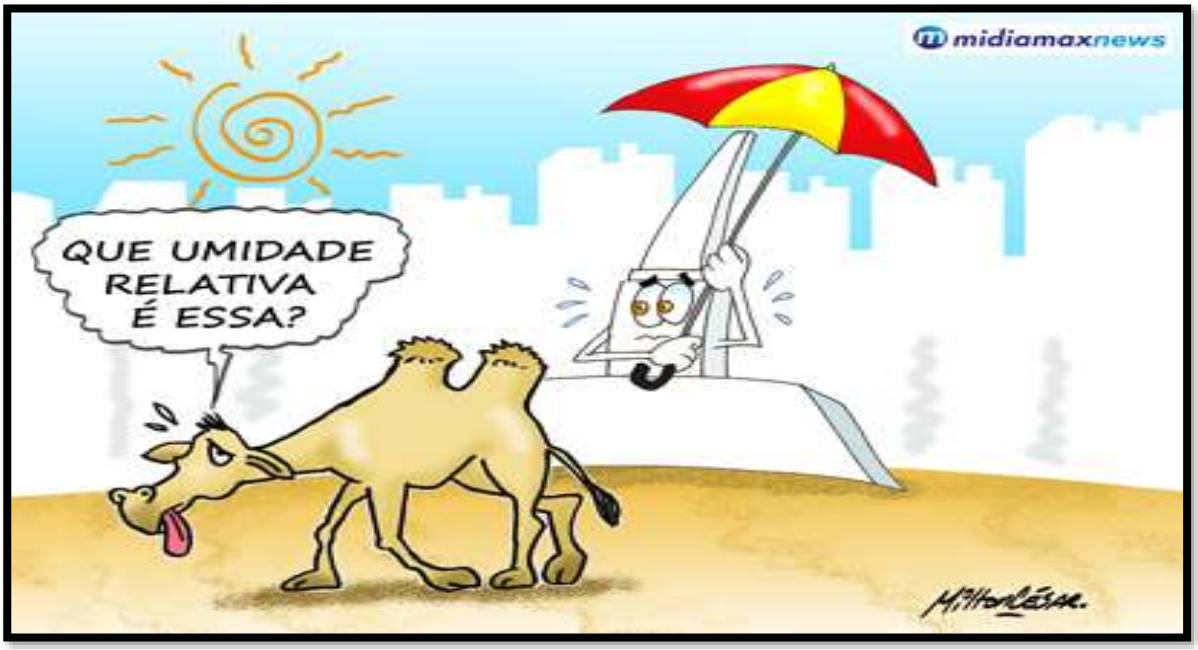
A cada dia em África renasce o sonho da liberdade. E morre sempre, juntamente com cada criança subnutrida e abandonada no solo rachado.

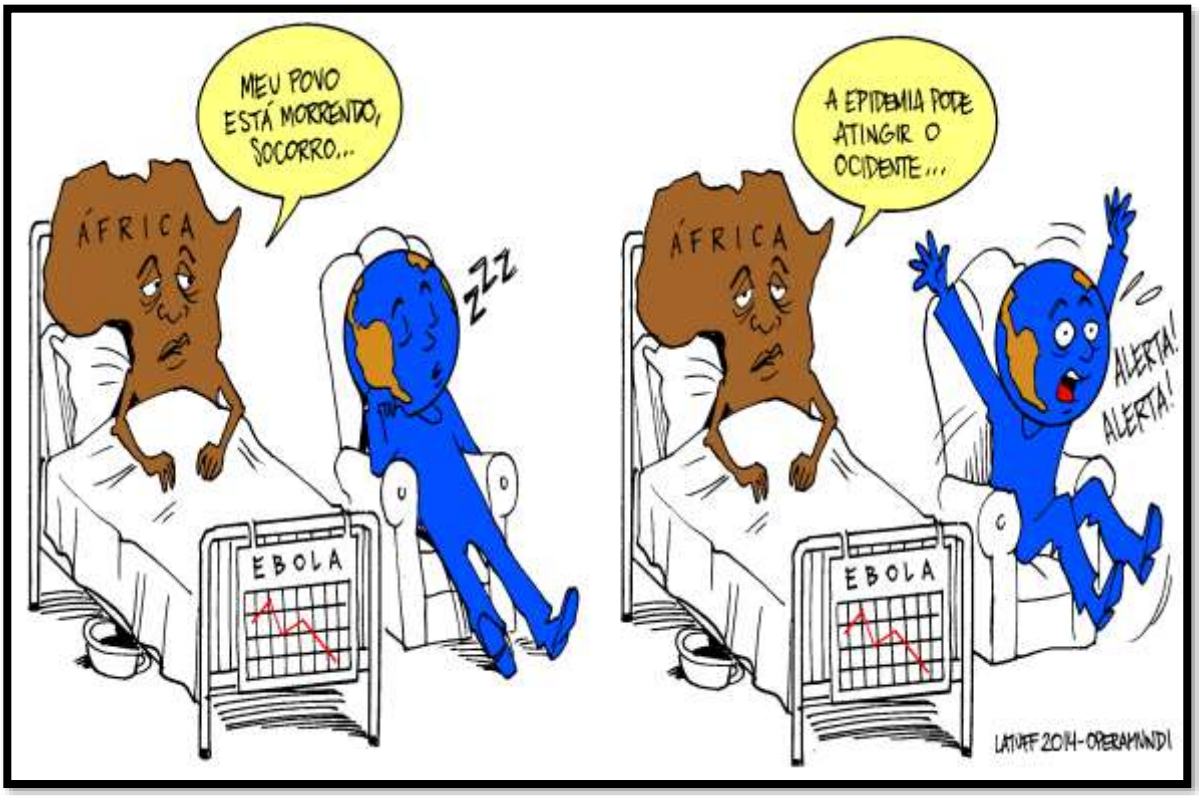
Será possível o sol de África nascer para todos? O sol é um sonho para os que lutam por ele; para tantos outros, é delírio, utopia.

A África é distópica e aquece nossos sonhos. Que em todo entardecer triste possa se acender a chama, em cada coração africano, da eterna busca por liberdade.

Afinal, descolonizamo-nos diariamente; somos todos eternas nações a lutar por um recanto ao sol.

Fonte:http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/africa-em-cronica-somos-todos-descolonizados


midiamaxnews
QUE UMIDADE RELATIVA É ESSA?


MEU POVO ESTÁ MORRENDO, SOCORRO...
ÁFRICA
ZZZ
EBOLA
A EPIDEMIA PODE ATINGIR O OCIDENTE...
ÁFRICA
ALERTA! ALERTA!
EBOLA
LATUFF 2014-OPERAMUNDI

BUNNY CHOW

APRENDA A FAZER ESSE PRATO TÍPICO DA ÁFRICA, UMA DAS COMIDAS DE RUA MAIS POPULARES DO CONTINENTE, PRINCIPALMENTE NA ÁFRICA DO SUL!

Ingredientes

MASSA:

- 3 ovos
- 2 colheres (de sopa) de óleo
- 500 ml de leite morno
- 2 colheres (sopa) de margarina
- 1 xícara de açúcar
- 1 colher de sal
- 1 kg de farinha de trigo
- 2 colheres (sopa) de fermento biológico seco
- 1 gema para pincelar
- Frango:
- 1 peito de frango
- 2 caldos de galinha
- Pimenta-do-reino e colorau a gosto
- 500 ml de água

MOLHO:

- 1 lata de molho sabor pizza
- 1 tomate picado
- 1 cebola picada
- 1 caldo de frango
- 2 colheres de óleo

MONTAGEM:

- 1 lata de milho verde
- Azeitonas verdes picadas a gosto
- Orégano a gosto
- 200 g de queijo mussarela fatiado
- 200 g de presunto fatiado

Modo de Preparo

MASSA:

1. Reserve a farinha e o fermento, coloque os demais ingredientes no liquidificador e bata até que fique tudo encorpado
2. Misture o fermento e a farinha, acrescente a mistura do liquidificador, misture e depois sove a massa com as mãos até que ela se torne uma massa lisa e homogênea (o ponto certo é quando ela solta das mãos)
3. Deixe descansar até que a massa dobre de volume
4. Divida a massa em duas e abra

5. Recheie com 1 camada de queijo mussarela, outra de presunto e outra de molho
6. Acrescente as azeitonas picadas, o milho e o orégano
7. Enrole a massa como um rocambole
8. Coloque em uma forma retangular grande, pincele com uma gema e salpique orégano
9. Deixe descansar novamente
10. Leve ao forno pré-aquecido, a 180°C, até que ele esteja corado em cima
11. Sirva ainda morno

FRANGO:

1. Coloque na panela de pressão o frango, os caldos knorr, a pimenta-do-reino, o colorau e a água
2. Leve ao fogo por aproximadamente 30 minutos, até que o frango esteja cozido
3. Desfie o frango

MOLHO

1. Coloque em uma panela funda o óleo e frite a cebola
2. Acrescente o tomate, o frango, o molho sabor pizza e o caldo de galinha, deixe cozinhar mexendo sempre, por aproximadamente 3 minutos

Queen of Katwe (Rainha de Katwe)

Diretora: Mira Nair / País de produção: EUA / Onde se passa: Uganda.

O filme é baseado em fatos reais e retrata a história de Phiona Mutesi, ugandense, órfã, trabalhadora e moradora de uma região pobre chamada Katwe, em Kampala, capital de Uganda.

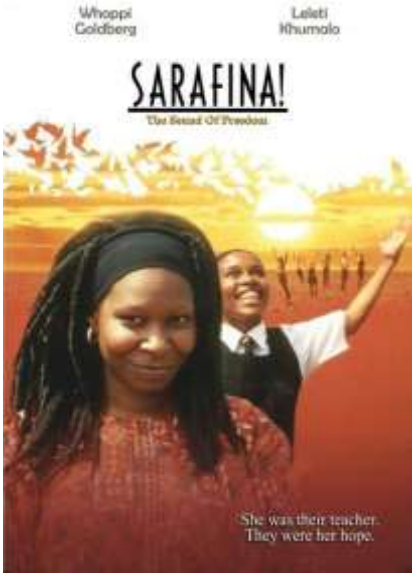
A personagem principal começa a jogar xadrez para ganhar comida em uma associação, e para surpresa de seu treinador, em pouco tempo ela se torna uma grande enxadrista, ganhando diversos campeonatos nacionais e internacionais.

No filme, podemos ver a cultura de Uganda em cenas da região do Katwe, nas cores dos kitenges (tecidos coloridos), nas feiras de rua, na liberdade das crianças que vendem produtos na rua, nas comidas de rua e no transporte local (mototáxi e vans que são chamadas de táxi), por exemplo.

O interessante do curta é que mesmo com toda a pobreza e dificuldade da região, Phiona se desenvolveu com o apoio de seu treinador e de sua comunidade, ou seja, não existiu nenhum salvador branco (ocidentais que vão a África para acabar com a pobreza).

Sarafina! O som da liberdade

Diretor: Darrell Roodt / Países de produção: África Do Sul, EUA, Reino Unido, França / Onde se passa: África do Sul.



Esse filme de 1992 com Whoopi Goldberg conta a história de Sarafina, uma adolescente negra moradora de Soweto – área destinada aos negros em Johanesburgo durante o regime de Apartheid.

Para entendermos o contexto do filme, precisamos conhecer um pouco da história da África do Sul. O país viveu sob o Apartheid durante 46 anos, de 1948 a 1994, como herança da colonização anglo-holandesa.

Em africâner, Apartheid significa separação. Essa foi uma política de segregação racial onde os brancos (minoria) detinham o poder sobre os negros (maioria).

Os negros possuíam a menor porcentagem de terras no país (cerca de 10%) e viviam afastados das grandes cidades, entre outras restrições.

O filme se passa nessa época e demonstra o quanto a educação de Sarafina a ajudou a criar a consciência política. Nele, a arte é encarada como instrumento de luta para reivindicar uma educação que valorize os todos os grupos e que acabe com o segregacionismo racial.

Um ponto interessante do longa é trazer uma militante mulher, a professora de Sarafina. Afinal, sempre que pensamos na luta contra o Apartheid lembramos de homens como Mandela (Presidente em 1994) e Desmond Tutu (Arcebispo da Cidade do Cabo).

Terra Sonâmbula, de Mia Couto

Primeiro livro do autor africano, Terra Sonâmbula foi considerado um dos doze melhores romances do continente no século 20.

Numa história emocionante sobre o encontro de um menino sem memória e um velhinho meio perdido pelo mundo, Mia Couto mistura símbolos tradicionais da cultura e da história moçambicana.

O título da obra faz referência à instabilidade do país e, portanto, à falta de descanso da terra que permanece "sonâmbula".

O outro pé da sereia, de Mia Couto

No centro do romance, dividido em dois momentos históricos, está a imagem de uma santa católica que encanta e perturba a todos que se aproximam dela.

Em 1560, essa é a estátua que acompanha o jesuíta Gonçalo da Silveira da Índia em direção à atual região entre o Zimbábue e Moçambique.

Já no século XXI, a mesma imagem é encontrada por Mwadia Malunga em terras moçambicanas.

A narrativa explora as relações de sincretismo religioso e choque cultural entre portugueses, indianos e africanos, tecendo um retrato do mundo globalizado

PLANETA ÁFRICA

P	Z	N	Ó	Â	P	J	J	X	V	T	E	O	Ò	U	D	S	P	Z	B	Q	Q	J	Ô	É
N	Y	P	D	E	S	M	A	T	A	D	O	S	D	É	E	Z	A	D	Õ	T	Á	B	B	E
Õ	Ã	U	Ã	Ú	X	O	A	X	X	X	Ú	Í	Ê	Í	C	D	Ò	A	I	H	U	Ã	A	P
Ó	A	R	R	E	U	G	D	F	Õ	Ò	F	W	Q	M	S	H	O	D	R	U	Ú	J	Ü	Â
Â	I	Õ	Ô	Õ	Í	Ó	Ê	A	I	P	E	L	A	T	R	O	P	I	C	A	L	V	N	A
J	M	R	A	T	I	L	I	M	Z	Ú	O	A	À	B	N	A	T	À	U	U	T	Â	Ü	G
I	Á	L	Ò	P	Ú	M	H	G	Ã	I	Í	B	G	É	Ê	Z	Q	L	C	J	I	B	Ò	V
Á	S	N	F	Í	O	V	Ò	À	I	N	V	Ã	R	Ü	C	Â	W	É	A	I	A	Z	F	Õ
Q	Z	T	O	I	N	R	Ã	C	I	R	P	A	C	E	C	V	Í	A	X	N	J	Ã	Â	D
Õ	M	O	B	V	K	V	U	Ã	Ó	Ú	Ò	J	R	Z	Z	A	O	S	C	A	A	Õ	V	L
Í	Ó	E	D	J	A	H	R	E	F	O	R	V	Ó	C	Ò	A	N	O	Ê	T	F	L	Ç	D
T	Y	L	Ô	O	H	I	N	J	J	A	Ç	F	A	C	S	Õ	I	D	Y	I	O	Ü	P	I
K	D	Ã	R	A	L	Ã	D	X	Z	C	C	G	Í	G	F	E	U	E	O	Ã	G	V	Ê	É
Ò	J	R	I	É	F	I	Ú	S	T	Â	Â	P	Á	O	R	À	S	M	P	M	R	V	L	À
A	W	T	O	E	Ü	F	N	Í	E	Â	Í	Z	R	K	B	Ã	Ò	I	Ô	O	B	Ã	B	M
H	D	E	Ã	Z	Ü	A	E	Q	W	Õ	Ê	A	S	O	O	V	C	X	A	O	R	L	Q	Ò
I	Í	P	Ã	À	Y	É	Á	K	À	Ê	J	Ó	H	E	B	R	T	O	É	R	P	U	Ã	Â
Q	À	P	A	H	Z	E	J	É	I	N	V	N	S	À	Ã	I	I	L	L	N	U	E	E	À
H	Z	L	R	I	Ã	Ü	Ò	G	A	P	Ò	K	X	Ô	I	Ã	P	A	C	A	Á	T	U	V
J	À	G	E	J	W	Ó	Õ	M	M	J	À	O	J	G	F	R	A	N	C	Ã	S	I	A	A
À	Õ	U	N	O	O	D	I	V	L	O	V	N	E	S	E	D	Õ	R	O	G	T	Ê	L	N
S	Ò	B	I	E	Ú	L	M	I	N	E	R	A	I	S	Ò	B	Â	M	G	L	Â	P	E	I
J	Ô	Í	M	I	I	Ó	Ô	É	Ã	X	H	Ã	À	N	E	É	L	T	Z	I	I	N	C	B
H	Ó	Ü	B	K	Y	Â	Ú	M	Ô	É	S	Ô	N	L	Í	W	I	Ò	M	E	M	O	H	À
S	A	T	S	E	R	O	L	F	É	Y	Á	Ê	D	Z	N	Ü	R	Q	Ê	C	O	X	S	Z

África e ONU analisam crise alimentar no continente

Texto de LUSA no site MUNDO AO MINUTO, adaptado por Mariana de Dutra Branco

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, em inglês), abriu hoje a sua 31.ª Conferência Regional para África, durante a qual os países africanos vão analisar, entre outros assuntos, a crise alimentar no continente.

A pandemia de covid-19 agravou a insegurança alimentar e os níveis de subnutrição em vários países africanos, que são também afetados por conflitos internos, desemprego, os efeitos da crise climática e, no caso do Corno de África, uma praga de gafanhotos do deserto.

"Não temos outra escolha senão tomar medidas corajosas e aceleradas de colaboração para enfrentar estas crises que se sobrepõem e reconstruir melhor", disse o representante da FAO para África, Abebe Haile-Gabriel, citado pela agência espanhola,

Efe, no seu discurso de abertura do fórum, em que é esperada a presença de mais de 80 ministros e ministros-adjuntos africanos.

O Zimbabué acolhe esta edição, realizada de forma virtual, e o Governo do país manifestou interesse nas "boas recomendações" que deverão sair do encontro, com o objetivo de "reforçar as nações" de África face às consequências da covid-19, segundo o ministro zimbabueano da Terra, Agricultura, Água e Repovoamento Rural, Anxious Jongwe Masuka.

Na conferência, que decorre até quarta-feira, deverão ser abordados também os processos para melhorar a inovação digital na região e para acelerar a transformação agrícola.

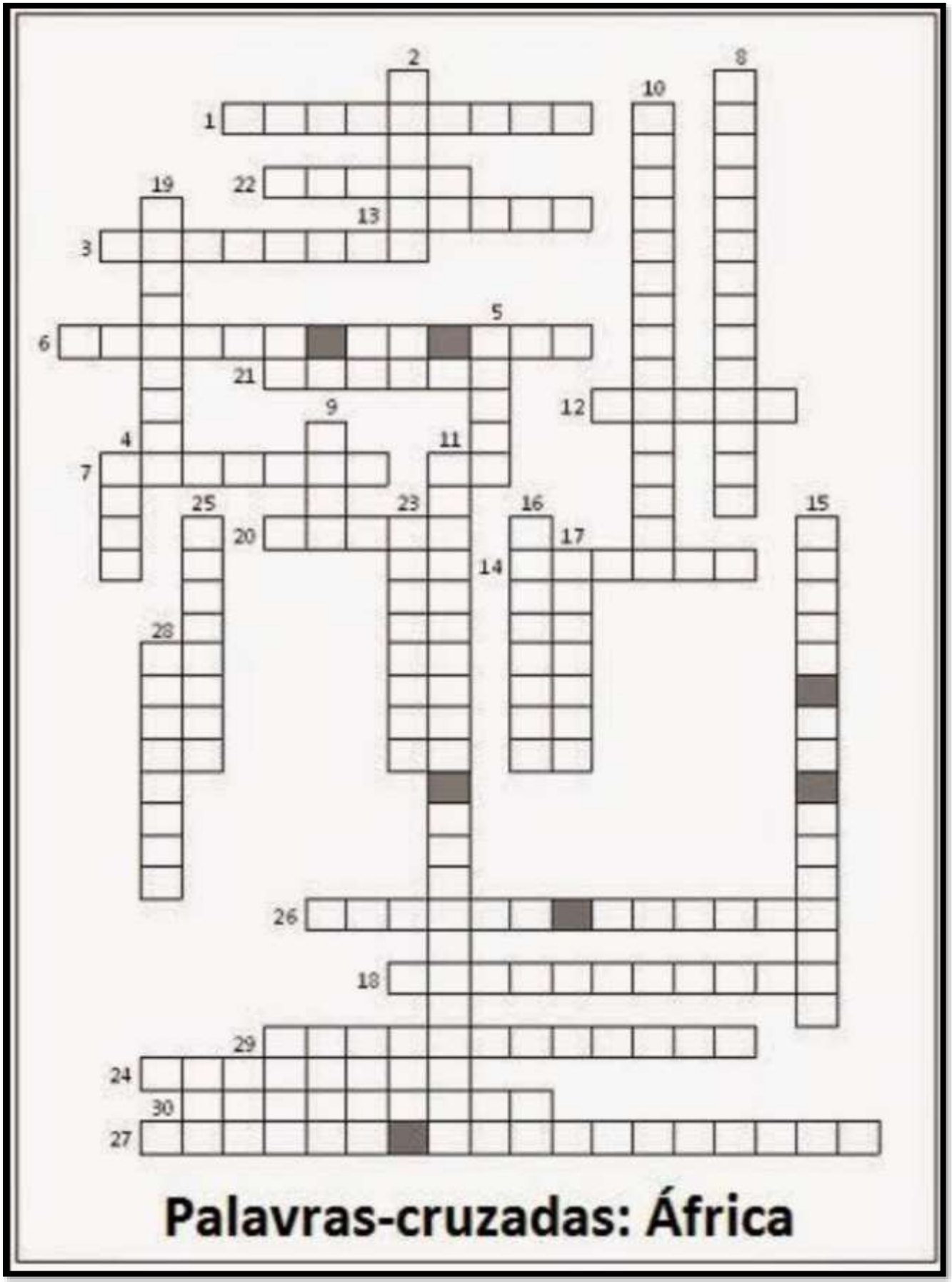
Durante o dia de hoje foi debatida a necessidade de construir sistemas alimentares e agrícolas resistentes a choques climáticos, como secas e inundações, pragas e doenças transfronteiriças, assim como os progressos na segurança alimentar e nutrição em Estados insulares.

Estima-se que cerca de 20 milhões de africanos enfrentavam já insegurança alimentar na África Oriental e no Corno de África antes da pandemia, em parte devido às invasões de gafanhotos do deserto e pelas inundações, segundo o Programa Alimenar Mundial.

Segundo uma declaração emitida em setembro pela organização não-governamental Save the Children, 67 mil crianças na África Subsaariana estavam em risco de morrer de fome extrema até ao final do ano devido a estes fatores.

Fonte: https://www.noticiasaominuto.com/mundo/1613308/africa-e-onu-analisam-crise-alimentar-no-continente

Cruzadinha



1. Oceano que banha o oeste africano.
2. Oceano que banha o leste africano.
3. Nome do mar que separa a África da Ásia.
4. Canal que foi construído para ligar o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho.
5. Maior deserto quente do mundo.
6. País localizado no extremo sul africano e é considerado a maior força econômica do continente.
7. País localizado no Chifre da África.
8. Processo de degradação dos solos pela seca excessiva e pela rápida perda de nutrientes, resultando na formação de uma paisagem correspondente à dos desertos.
9. É o mais importante dos rios africanos e o terceiro maior do mundo.
10. Processo de colonização e ocupação da África por grandes potências europeias.
11. Fronteiras traçadas na época do imperialismo europeu, que não considerou o relevo nem as populações locais. Causou inúmeros conflitos.
12. Capital de Marrocos
13. Capital do Egito
14. País africano que tem português como língua oficial
15. Linha imaginaria que passa pelo continente africano que divide o globo em dois hemisférios: Hemisfério Sul e Hemisfério Norte.
16. Luta/ dança que surgiu no Brasil, como uma forma de resistência dos escravos trazidos da África na época colonial.
17. País mais populoso da África.
18. Ponto mais alto da África.
19. Clima característico de desertos que possui elevada amplitude térmica diária e a baixa umidade e pluviosidade anual.
20. Segundo maior rio africano.
21. Vegetação muito presente na África, onde se destacam as gramíneas, ervas, arbustos e árvores esparsas.
22. Considerado divino em áreas de deserto.
23. Supercontinente que existiu ao sul da linha do Equador por volta de 200 milhões de anos atrás.
24. País mais jovem da África.
25. Deserto localizado no sul africano.
26. Porção do continente africano que se localiza acima do Saara, marcada pela predominância de povos brancos, de origem caucasoide, e pela hegemonia do islamismo.
27. Porção de terras que se localiza ao sul do Deserto do Saara. É composta por 47 países.
28. Um dos destaques da economia africana.
29. Tipo de agricultura que tem como principal objetivo a produção de alimentos para garantir a sobrevivência do agricultor, da sua família e da comunidade em que está inserido.
30. Tipo de agricultura caracterizada pela monocultura e voltada para a exportação.

Você se preocuparia mais se isso se passasse na porta de sua casa?